

EDITAL DE INSCRIÇÃO (RESUMO EXPANDIDO) - PSICOLOGIA

**MEMÓRIAS DIGITAIS, LUTO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: UM OLHAR
PSICOLÓGICO SOBRE AVATARES PÓSTUMOS.**

Carine Sawtschenko (carinepsi@hotmail.com)

Amanda Pereira Souza Diniz (souzadiniz.ap@gmail.com)

A forma como nos relacionamos com a tecnologia tem moldado a maneira como nos conectamos, construímos nossa identidade e, além disso, como lidamos com as memórias: algo que antes era confiado aos anciãos e à nossa própria narrativa pessoal agora é cristalizado por meios digitais. Subitamente, não dependemos apenas das nossas referências individuais, e a existência não se limita ao que vivenciamos, pois uma versão daquela pessoa continua existindo virtualmente. Esse fenômeno já estava presente nas redes sociais, nas quais os perfis póstumos permitiam que a presença do indivíduo permanecesse ativa, como um memorial. Mais recentemente, porém, a Inteligência Artificial tem possibilitado a criação de avatares póstumos, que simulam a interação com pessoas falecidas a partir do processamento dos dados digitais deixados em vida. Ou seja, não se trata mais de memória cristalizada, pois a presença passa a ser ativa, responsiva e capaz de simular uma comunicação entre aqueles que partiram e os que permanecem.

A partir dessa problemática, a Psicologia pode levantar questionamentos relevantes, especialmente no campo da tanatologia, ao problematizar a forma como o luto pode ser atravessado por recursos tecnológicos. Se, por um lado, a utilização de avatares pode oferecer um espaço simbólico de vínculo, por

outro, pode gerar riscos de complicação no processo de elaboração da perda e de aceitação da finitude. Afinal, como se despedir de uma existência que passa a ser contínua? Diante disso, o presente trabalho busca compreender os possíveis impactos psicológicos da criação e utilização de avatares póstumos mediados por ferramentas de Inteligência Artificial, explorando seus riscos e benefícios, bem como as implicações éticas no campo da Psicologia.

Os estudos sobre o luto na Psicologia, em consonância com a tanatologia, oferecem a perspectiva necessária para compreender os processos pelos quais a pessoa enlutada atravessa durante a elaboração da perda. De acordo com Escudeiro (2024), a definição da perda se dá pela ausência e pela separação; assim, entende-se que a falta de contato síncrono pode ser considerada parte do luto, visto que não é mais possível se comunicar com a pessoa falecida.

Segundo Silva, Trevisan e Maciel (2021), avatares póstumos podem ser construídos a partir do denominado “legado digital” deixado pelo indivíduo ao longo da vida, composto por diversas interações, como mensagens, e-mails, fotos e vídeos. Com base nessas informações, um chatbot é alimentado para se comportar de acordo com os parâmetros estabelecidos. Nesse sentido, observa-se que a própria existência de avatares póstumos pode ser disruptiva para o processo de elaboração do luto, visto que o contato com aquele indivíduo não cessa com o falecimento, especialmente em um mundo repleto de recursos digitais, no qual muitas relações já se estabelecem majoritariamente por meio virtual. Afinal, plataformas como o WhatsApp já dominam grande parte do cotidiano, não apenas profissional, mas também afetivo. Se podemos ter conversas tão significativas por meio de um aplicativo de mensagens com pessoas que estão entre nós, qual seria a diferença de uma conversa com alguém falecido?

Ademais, Escudeiro (2019) destaca que atualmente vivemos em uma cultura na qual a morte é frequentemente negada, escondida por meio de metáforas. Em pesquisa realizada em 2021, Silva, Trevisan e Maciel (2021) observaram que há interesse no relacionamento digital estabelecido por meio de avatares póstumos, embora a maioria dos participantes tenha manifestado o desejo de que uma espécie de memorial fosse mais apropriada, considerando que a interação por meio de um chatbot poderia ser desrespeitosa com aqueles que se foram. Será, então, a utilização de avatares digitais uma nova metáfora para lidar com a finitude?

Dessa forma, a análise preliminar indica que a criação e utilização de avatares póstumos constitui um fenômeno emergente com impactos ambíguos sobre o processo de luto. Embora esses recursos digitais possam fornecer algum suporte simbólico aos enlutados, também é possível que contribuam para dificuldades na aceitação da perda e, em certos casos, para a prolongação do sofrimento. Além disso, evidencia-se a necessidade de considerar os aspectos éticos envolvidos, bem como os efeitos a curto e médio prazo sobre a elaboração do luto. Conclui-se, portanto, que, embora as considerações apresentadas sejam provisórias, o tema se mostra relevante e demanda maior aprofundamento por meio do desenvolvimento continuado da presente pesquisa.

ESCUDEIRO, Aroldo (org.). Morte, Perda e Luto. Blumenau, SC: 3 de Maio, 2019.

ESCUDEIRO, Aroldo (org.). Perdas Irreparáveis. Fortaleza, CE: Rede Nacional de Tanatologia, 2024. 506 p.

SILVA, P. C. N.; TREVISAN, D.; MACIEL, C. A recriação da vida em chatbot e avatares com o uso de dados póstumos. In: WORKSHOP SOBRE ASPECTOS DA INTERAÇÃO HUMANO-COMPUTADOR NA WEB SOCIAL (WAIHCWS), 12., 2021, Evento Online. Anais [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 17–24. DOI: <https://doi.org/10.5753/waihcws.2021.17540>. Acesso em: 25 ago. 2025.

Palavras-chave: luto; inteligência artificial; psicologia.